



GT 78. Saberes, ciências e tecnologias insubmissas: o conhecimento que se produz nas margens

Coordenador(es):

Graciela Froehlich (UNB - Universidade de Brasília)

Rogério Lopes Azize (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 1 - Engajamentos insubmissos

Debatedor/a: Rosana Maria Nascimento Castro Silva (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Corpos e tecnologias em disputas

Debatedor/a: Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Desencontros e tensões entre práticas hegemônicas e contra-hegemônicas

Debatedor/a: Rafael Antunes Almeida (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Com inspiração no tema da 32ª RBA, o GT visa reunir pesquisas interessadas em um certo tipo de insubmissão: a dos saberes, ciências e tecnologias produzidas nas margens da hegemonia, por vezes em situações de embate e resistência. São temas de interesse mais evidente etnografias sobre os conhecimentos emergentes que mirem a Ciência hegemônica desde uma perspectiva crítica; os estudos que relacionem os processos de produção científica e tecnológica a pressupostos e efeitos racistas, misóginos, capacitistas e heteronormativos; as ciências que se produzem em espaços e por sujeitos ditos “leigos” ou não autorizados, por vezes em tensão com marcos regulatórios; apreciações críticas de pressupostos teóricos, epistemológicos e metodológicos dos estudos sociais e da antropologia da ciência e da tecnologia; bem como as miradas analíticas que (re)ensem tais propostas a partir dos contextos de crimes/desastres socioambientais e do Antropoceno. Vamos acolher etnografias e ensaios de natureza teórica que, ao se voltarem para a antropologia da ciência e da tecnologia, fomentem diálogos entre a antropologia simétrica e as antropologias pós e decoloniais. A despeito da recusa de Bruno Latour e de outros proponentes da ANT de uma linguagem metasociológica e de apontamentos quanto à incompatibilidade de perspectivas, interessa-nos acompanhar Anderson (2009), Harding (1998; 2008) e Benjamin (2016) em seu esforço de pensar possíveis pontes entre as duas tradições de pensamento e pesquisa.

Plantando floresta nos mares de cana: notas etnográficas sobre os saberes e práticas agroflorestais no interior paulista.

Autoria: Carlos Alberto Corrêa Moro (nenhuma), Helenito Hemes

A região de Ribeirão Preto, cidade do interior do estado de São Paulo, é conhecida nacionalmente como um polo econômico da agroindústria sucro-alcooleira. No entanto, nos interstícios de um território visivelmente dominado pela monocultura de cana de açúcar e pelas gigantescas usinas do complexo sucroalcooleiro, vemos emergir experiências e projetos agrícolas que se colocam de forma antagônica ao modelo agrícola convencional. Neste artigo, escrito em colaboração com o agricultor e agrofloresteiro Helenito Hemes assentado no Projeto de Desenvolvimento Sustentável Sepé Tiarajú, abordaremos algumas características do manejo dos Sistemas Agroflorestais (SAF) que vêm sendo implantados em meio ao mares de cana de açúcar que dominam a paisagem do interior paulista. Das ruínas de uma terra esgotada por décadas de monocultura em larga escala irrompem, nas roças agroflorestais do Assentamento Sepé Tiaraju, experiências críticas à



marcha homogeneizante do agronegócio. No lugar das dimensões sobre-humanas, a escala de manejo manual. No lugar da homogeneidade de espécies, a explosão de biodiversidade das roças. No lugar do saber produtivo cristalizado em pacotes tecnológicos, o processo de apropriação criativa e construção coletiva de conhecimento. No lugar de um modelo produtivo dependente de insumos químicos, fertilizantes e combustíveis fósseis, um modelo que busca, pela otimização das relações entre elementos bióticos e abióticos, manter o solo vivo e enriquecido por meio da ciclagem natural de nutrientes e da matéria orgânica produzida pelo próprio sistema. Neste artigo abordaremos sobretudo duas rupturas em relação à agricultura convencional. Em primeiro lugar, ao trabalhar com a biodiversidade e com a complexificação das relações interespecíficas, os SAFs rompem com a homogeneidade de espécies e com a coordenação linear e unitária do tempo de produção característica da monocultura. Por serem agroecossistemas complexos, compostos por uma maior variedade de plantas, que crescem e frutificam em tempos distintos, as agroflorestas são, para usar a metáfora de Anna Tsing (2015), arranjos polifônicos e de múltiplos ritmos. A segunda ruptura é em relação a alienação do conhecimento produtivo. Enquanto na agronomia dominante a transmissão de conhecimento é feita por meio de pacotes tecnológicos, protocolos fechados que são vendidos aos agricultores, na agroecologia, o conhecimento e as novas técnicas são pensados como apropriação criativa e construção coletiva, na qual cooperam cientistas, técnicos e agricultores experimentadores. Contra a unidade homogeneizada dos conhecimentos vendidos como mercadoria na forma de pacotes tecnológicos, os saberes dos agrofloresteiros consistem em regimes de conhecimento de caráter aberto e múltiplo.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: